

Um "tour" pela imagem

Economia Brasil

Malan explica ajuste nos EUA e ouve promessa

NOVA IORQUE – Na primeira escala de sua peregrinação para vender a imagem do Brasil no exterior, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, não chegou a obter uma vitória consagrada, mas ao menos arrancou dos banqueiros americanos a promessa da manutenção de linhas de crédito já existentes para o país. Em almoço com 20 banqueiros num refinado clube privê nova-iorquino, Malan apresentou os detalhes do programa de austeridade adotado pelo governo brasileiro para viabilizar o pacote de ajuda de US\$ 41,5 bilhões, em recursos do Fundo Monetário Internacional (FMI), Banco Mundial (Bird), Banco de Compensações Internacionais (BIS) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

"A expectativa é de que, à medida que o programa seja implementado, os investidores aumentem sua presença no país de forma crescente".

avaliou William Rhodes, vice-presidente do Citibank e homem-forte do FMI durante as negociações entre o Brasil e o Fundo, nos anos 80. Para Rhodes, os grandes bancos americanos darão um voto de confiança na economia brasileira mantendo as linhas de crédito atuais, à espera de avanços no programa de ajuste.

Calmante – Embora a conversa não tenha rendido resultados práticos imediatos, nem tudo foi perdido. "Foi importante para acalmar as pessoas", reconheceu Ricardo Gallo, diretor-gerente do BankBoston no Brasil, lembrando que a histeria em relação aos mercados emergentes tirou o país do mapa dos investidores após o agravamento da crise financeira mundial.

Para o ceticismo dos banqueiros nova-iorquinos, pesou o fato de o pacote brasileiro ainda necessitar de aprovação pelo Congresso para ser viabilizado. Além disso, o histórico de promessas não cumpridas pelo governo faz com que todos optem pela cautela. De um lado, o se-

tor público não precisa de novos fundos no momento, graças ao multibilionário plano de ajuda liderado pelo FMI; de outro, o setor privado vem enfrentando dificuldades para captar recursos no exterior, devido às taxas crescentes. Daí a promessa de simples manutenção das atuais linhas de financiamento, sem expansão de crédito.

O FMI "foi simplesmente incapaz de atrair o setor privado para o processo", assinalou o controvertido economista Jeffrey Sachs, da Universidade de Harvard. Para Sachs, foi um "extraordinário passo para trás" a tentativa do Fundo de incluir os bancos no projeto, dadas as astronômicas necessidades de financiamento externo do Brasil, que podem chegar a US\$ 60 bilhões em 1999 – sem contar as receitas com privatizações, estimadas em US\$ 18 bilhões.

Malan permanecerá hoje em Nova Iorque, onde se encontrará com outros investidores no Waldorf Astoria. Amanhã, o ministro seguirá para a Europa.